

DESDE CEPA

NOSSO SITE ACABA DE RENASCER

JOSE ARROYO – PRESIDENTE DA CEPA -Associação Espírita Internacional



A palingenesia ou reencarnação, sem perder seu vetor de progresso, pode ser vista como um processo que facilita novas oportunidades de ganhar perspectivas. Também deve ser compreendida como uma oportunidade de reencontrar-nos com os afins, sob uma forma diferente, sem prescindir de seu núcleo, mas, pelo contrário, retendo essa essência.

Poderia parecer que essas descrições ou idéias

correspondem ao que ocorre com o Ser. No entanto, estamos utilizando-as, nesta ocasião, para nos referirmos à nossa renovada página eletrônica. Aqui, em cepainternacional.org, estamos renascendo. Através do esforço e da perseverança da Equipe de Comunicação da CEPA, liderada e coordenada pela companheira Ivette Ayala, junto a um maravilhoso grupo de pessoas dedicadas e comprometidas, apresentamos a vocês nossa nova e renovada vitrine ou escaparate.

Apresentamos ao mundo nossas propostas, publicações, teses e análises em torno do espiritismo de uma forma dinâmica,

visualmente atraente e com propósito claro.

Convidamos você, com muito entusiasmo, a explorar esta nova página — ou melhor, esta página renovada. Marque-a em seu navegador, adicione-a aos seus favoritos, visite nossa biblioteca e baixe livremente a literatura que temos ali para você. Dialogue com a IA de “Kardec Responde” para que possa encontrar algumas respostas fundamentadas na ampla literatura kardequiana ou reflexões sobre temas que lhe preocupam ou interessam. Enfim, presenteie-se com um momento — ou vários momentos — para fazer desta página sua referência principal.

Trabalhamos desde a CEPA para apresentar, representar e desenvolver as pesquisas, propostas e teses espíritas que começaram com o monumental trabalho de Allan Kardec, mas agora com a linguagem de hoje, atendendo às questões do presente, dialogando com os avanços do presente.

Quando o espiritismo é estudado e vivido reconhecendo e priorizando o potencial e o respeito mútuo, a liberdade pessoal e a responsabilidade ética, a solidariedade como prática cotidiana e não apenas como conceito — enfim, quando se prioriza a sintonia espiritual de forma natural ou espontânea e se valoriza o pensamento racional, lógico e sensato acima da emoção passageira —, aí se está compreendendo e sintonizando com o pensamento da CEPA.

Agradecemos por ter lido esta breve, mas importante nota. Desde a CEPA – Associação Espírita Internacional, convidamos você a conhecer e explorar a proposta espírita com uma perspectiva laica, humanista, progressista, pluralista, fraternal e livre-pensadora.

ARTIGO EM DESTAQUE

O VERDADEIRO ESPÍRITA E O AUTÊNTICO ESPIRITISMO

“O Espiritismo foi dado ao homem como meio de instruir-se, melhorar-se e adquirir as qualidades indispensáveis à sua evolução.” (Léon Denis)

Milton Medran Moreira

Referências em cbce.info / *Boletim Flama Espírita*

Tradução: Pura Argelich



— *“Gosto muito do Espiritismo e admiro demais os espíritas, mas, como ainda estou cheio de defeitos, não posso dizer que sou espírita. Um dia chegarei lá.”*

Quem de nós nunca ouviu alguém fazer uma declaração assim?

Com frequência, ela parte de pessoas que conhecem o Espiritismo apenas de ouvir falar. Muitas frequentam — ou já frequentaram — centros espíritas esporadicamente. Dizem procurá-los para obter auxílio, sobretudo nos momentos mais difíceis da vida (desajustes familiares, dificuldades econômicas etc.): *“É um lugar onde me sinto bem e sempre saio de lá aliviado”*, costumam afirmar.

Pessoas com esse perfil vêm no Espiritismo — ou, mais propriamente, no centro espírita — uma tábua de salvação a que se agarram nas horas de crise. Mas as dificuldades materiais vão e vêm, tão instáveis quanto os momentos de prazer e satisfação. Quem encara a ajuda espírita como essa boia de salvamento, na mesma medida em que a procura na dor, também a esquece quando a vida volta a um estágio menos turbulento. Ninguém gosta de

permanecer nos trechos desagradáveis já superados.

Quem, porém, recebeu auxílio em momento de dor, embora grato, não se torna necessariamente espírita. Guardará boa lembrança de quem o ajudou, terá ótima impressão da instituição, garantirá que se trata de “gente do bem”. Mas, retomando a ideia inicial, não se animará a declarar-se espírita porque, segundo acredita, não possui as qualidades que observa nos espíritas que conheceu e que eventualmente o ampararam.

É preciso, antes de tudo, destruir o mito de que o espírita é um ser especial, quase perfeito, ou de que para se dizer espírita é necessário ser moralmente superior à média humana e ostentar virtudes acima dos padrões da sociedade contemporânea.

O espírita é um ser do seu tempo, inserido num mundo que ainda dificulta a vivência de uma ética sonhada, mas

nem sempre atingida. É alguém afinado com as tendências modernas que pedem solidariedade, trabalho, justiça, dignidade da vida.

O Espiritismo, feito para homens e não para anjos, é antes de tudo uma proposta de adaptação do ser humano às leis naturais que o regem.

Allan Kardec escreveu que se reconhece o verdadeiro espírita “pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para domar suas más inclinações” (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. XVII, “Os bons espíritas”). Não é a posse de virtudes excelsas, mas a busca constante do aperfeiçoamento moral que caracteriza o espírita.

Quem espera declarar-se espírita apenas quando não tiver mais defeitos jamais o será, pois, ao chegar a tal estágio, já não precisará do Espiritismo.

Contudo, embora o objetivo espírita seja a renovação ética do indivíduo e da sociedade, não é isso que lhe dá identidade própria — pelo menos não foi a proposta conceitual de Kardec. Ele definiu o Espiritismo como **ciência**: “ciência que trata da natureza, da origem e do destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo material” (*Que é o Espiritismo*, Preâmbulo).

Kardec, pois, sistematizou o Espiritismo como nova disciplina científica cujo objeto de estudo é o Espírito

— esse ser concreto que interfere na vida material, cuja existência, origem e destino se subordinam às leis naturais que o homem precisa conhecer para evoluir moral e eticamente.

Sob essa ótica, a chamada moral espírita é consequência da ciência espírita e deve ser tratada como meta a ser alcançada por meio do estudo, da pesquisa, da convicção que o conhecimento proporciona. E porque essa moral não é “especial”, mas expressão da lei natural — eterna e imutável —, não deveria originar nova seita ou religião que segregue seus adeptos: deve chegar a toda a Humanidade já madura para uma etapa superior de entendimento e ação.

Passados 168 anos da introdução do Espiritismo, o grande desafio continua exatamente aquele que preocupou Kardec: demonstrar claramente a existência do Espírito imortal como realidade concreta. Convencido disso — de sua natureza espiritual, de sua imortalidade, de sua vocação progressiva realizada em vidas sucessivas — o ser humano possuirá as ferramentas para perceber e viver as leis morais daí decorrentes. Daí a afirmação de Kardec, tão ignorada em amplos setores do movimento: **“o verdadeiro caráter do Espiritismo é o de uma ciência, e não o de uma religião”** (*Que é o Espiritismo*, 3.º Diálogo — O Padre).

O fracasso das religiões decorre justamente de se terem erigido em reguladoras da moral sem favorecer — ou mesmo impedindo — a investigação do conhecimento. A moral não progride sem expansão do saber. É o desenvolvimento da inteligência, e seu exercício na aquisição de conhecimentos, que melhora o ser humano: “o fruto não pode vir antes da flor”, disseram os Espíritos na pergunta 791 de *O Livro dos Espíritos*.

Por isso, os centros espíritas não devem ser templos, mas escolas. Sua ação moralizadora só será eficaz quando investir no estudo e na pesquisa específica do objeto de sua ciência: o Espírito imortal, sua origem, destino e relações com o mundo material. Temos extenso e rico material, atraente para número crescente de pessoas sedentas de um saber realmente sistematizado acerca de tema hoje disperso em inúmeras correntes, religiões, seitas e mesmo em setores abertos da ciência acadêmica, que o abordam de modo fragmentário, distante do conteúdo integral e do método legados por Kardec.

Daí a legitimidade de propostas que falam em **espiritizar** ou **kardecizar** o movimento espírita — ideias mais amplas e adequadas do que, por exemplo, “evangelizar”, termo ambíguo e desgastado,

partilhado por grupos religiosos com raízes e metas bem distantes do Espiritismo.

Talvez o grande desafio atual seja justamente retomar a proposta original de Kardec, ampliada e enriquecida com tudo o que possa atualizá-la, fortalecendo suas bases e confirmando seus fundamentos.

Artigo publicado em *Flama Espírita – Boletim de Difusão do Centre Barcelonès de Cultura Espírita*, edição “Espiritismo: Ciência, Filosofia | Moral”, abril-junho 2025.

TRANSUMANISMO: Culto ao corpo, negligência do espírito

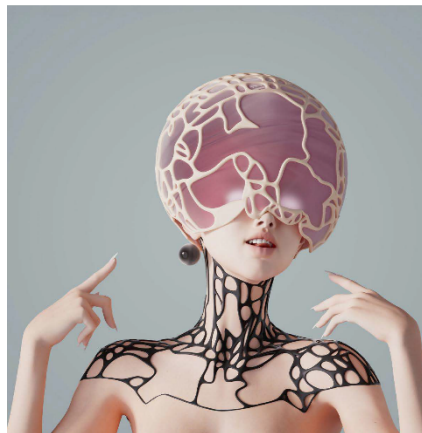
Sociedade: Frédéric Vicens
Le Journal Spirite
Nº 140 – Julho a Setembro

A palavra **transumanismo** faz lembrar a ficção científica porque evoca os conceitos de “homem aumentado”, criogenia e a luta do ser humano contra a morte em uma busca insana pela imortalidade. Parece ridículo, mas é a realidade de uma parte da comunidade científica cuja ambição é **recuar e transcender os limites do corpo e do cérebro humanos**, considerados aperfeiçoáveis e, portanto, inseparáveis do progresso científico e técnico — “para tornar-se senhor e possuidor da natureza”, como disse René Descartes.

A ideia central é que o programa de domínio total da natureza deve terminar logicamente com o **domínio total do homem sobre a sua própria natureza**. A esperança de ultrapassar tecnicamente os limites da morte colocando o corpo no centro de tudo é um ato de orgulho desmedido. Trata-se de uma noção **incompatível com o Espiritismo**, já que os Espíritos sempre lembraram que **a morte é**

uma circunstância inevitável dentro da lei da reencarnação, e que somente o espírito é eterno.

O espírito, para progredir, reencarna-se de vida em vida em corpos físicos destinados à destruição no momento da morte — instante a partir do qual se reintegra ao plano espiritual.



Mas afinal, o que é o movimento transumanista? De onde ele vem? Que noções abrange além da criogenia? E por que é incompatível com a filosofia espírita?

I. Definição e origens do transumanismo

O termo *transumanismo* é anterior ao surgimento do movimento em si. **Julian Huxley** (irmão de Aldous

Huxley, autor do célebre romance de ficção científica *Admirável Mundo Novo*), biólogo inglês, propôs o termo em 1957 para descrever a possibilidade de a espécie humana **aperfeiçoar-se e transcender-se a si mesma** por meio dos avanços científicos e técnicos.

As origens do movimento remontam ao século XVIII, com o desejo de **controlar a procriação** segundo o modelo da seleção natural, com o objetivo de regenerar a espécie humana. Tanto pelo anseio de tomar as rédeas da evolução humana quanto pelo papel central dado ao progresso tecnocientífico para melhorar o corpo e suas capacidades, o transumanismo **herda o impulso científico e evolucionista do século XIX**.

O progresso passou a ser visto como uma **lei orgânica**, a “lei de todos os progressos”. A teoria da evolução de Darwin e o princípio da seleção natural foram aplicados às sociedades humanas, dando origem ao chamado **darwinismo social**, que pregava a evolução das

sociedades pela eliminação dos mais fracos e a sobrevivência dos mais fortes.

Desacreditada em grande parte, essa tendência deu lugar à **eugenia** (termo que literalmente significa “bem-nascido” ou “gerar bem”), cujo objetivo era regenerar a espécie humana promovendo a expansão das “linhagens” mais nobres e impedindo a reprodução das consideradas indesejáveis.

A fantasia do “**homem novo**” atingiu seu auge sob o regime nazista, mas também — o que muitos esquecem — em democracias ocidentais como **Estados Unidos, Suíça, Suécia, Finlândia e Dina-marca**, que entre guerras implementaram políticas eugênicas.

O fantasma do “homem novo” anuncia a figura transumanista do **pós-humano**, a fantasia de um homem regenerado pela ciência: um *ultra-humano* ou *super-humano*.

O transumanismo e sua ambição de **fundir homem e máquina** não podem ser compreendidos sem mencionar a ruptura histórica decisiva trazida pela **cibernética**, que se tornou seu berço ideológico, ao buscar dissolver os limites entre humanos e máquinas até colocá-los no mesmo nível.

O objetivo: **lutar contra a entropia**, a lei segundo a qual todo sistema (humano, vivo ou mecânico) sofre perda de energia e degradação progressiva até a morte.

A cibernética abriu caminho ao projeto de **bioengenharia do ser humano e de seu corpo**. Este, por sua imperfeição e decadência inevitável, deveria ser tecnicamente aprimorado. Daí o surgimento das **próteses e sistemas híbridos**, contendo elementos humanos e mecânicos — não apenas para substituir partes perdidas, mas para adicionar o que nunca existiu.

Essa é a origem da imaginação do **ciborgue (organismo cibernético)**: ser metade humano, metade máquina, que tanto fascina o cinema de ficção científica. O escritor e fundador do futurismo, **Filippo Tommaso Marinetti**, chegou a declarar:

“Estamos preparando o reinado do homem mecânico, com peças substituíveis.

Libertá-lo-emos da ideia da morte e, portanto, da morte mesma.”

Todo um programa...

II. O movimento transumanista: um fenômeno multifacetado

O transumanismo consolidou-se como

ideologia e movimento de pensamento nos **Estados Unidos** na segunda metade do século XX. No entanto, seu nascimento oficial data apenas do final da década de 1980, com o filósofo norte-americano **Max O'Connor**, que formalizou o transumanismo como um movimento organizado.

Em 1988, O'Connor fundou, juntamente com **Tom Bell**, o movimento “**Extropy**”, além do **Extropy Institute**, a primeira organização transumanista oficial.

O termo *extropia* foi criado como o oposto de *entropia* — esta última, a tendência de qualquer sistema degradar-se e caminhar inevitavelmente para o caos e a morte. O *extropianismo* ou *extropismo* promove, portanto, a crença no **progresso ilimitado do ser humano** graças aos avanços tecnológicos, tendo como primeiro princípio o “progresso perpétuo”.

Em 1998, surgiu a **Associação Transumanista Mundial (WTA)**, que mais tarde se transformou em **Humanity+**, denominação escolhida para dar ao transumanismo um rosto mais humano e menos polêmico, conquistando reconhecimento internacional e exercendo importante influência, especialmente entre **líderes políticos e círculos financeiros**.

Este movimento é **multiforme**, envolvendo uma multiplicidade de atores — entre eles, incontáveis *startups*, fundações e empresas atuando nos campos da **nanotecnologia**, **biotecnologia**, **tecnologia da informação e ciências cognitivas**.

Empresários como **Elon Musk**, por exemplo, são figuras-chave nesse universo: ele é o criador da startup **Neuralink**, cujo objetivo é conectar o **cérebro humano a circuitos integrados**, para literalmente **fundir homem e máquina**.

Outros pesquisadores trabalham em projetos igualmente audaciosos — como o de **“baixar” ou “carregar” a consciência humana** em suportes digitais.

Na França, em 2010, foi criada a associação transumanista **Technoprog**, com o intuito de influenciar os debates públicos sobre tecnologia e ética. Esse desejo de influenciar também se manifesta na fundação de **partidos políticos transumanistas**, como o *Transhumanist Party* nos Estados Unidos e o movimento *tecnoprogressista* na França.

Dentro desse vasto e diversificado espectro, pode-se falar hoje em **“transumanismos”**, no plural, dada a variedade de

correntes internas. No entanto, **a ideia central permanece a mesma**: libertar-se da tirania da natureza por meio de um projeto técnico que **otimize o desempenho humano**, prolongando indefinidamente a expectativa de vida e **empurrando os limites da morte** — especialmente através da eliminação do processo de envelhecimento.

III. O caso da criogenia

A promessa tecnocientífica do transumanismo de uma **vida prolongada indefinidamente** apoia-se na **criogenia de corpos humanos**, já que, dentro dessa visão, considerase que a medicina pode, com o tempo, **resolver qualquer problema — inclusive o da morte**.

Essa prática, existente desde a década de 1960, consiste em **congelar corpos humanos a temperaturas extremamente baixas**, na esperança de que, um dia, o progresso tecnológico permita reanimá-los.

Os corpos são imersos em **nitrogênio líquido a -196 °C**, posicionados de cabeça para baixo em tanques metálicos. A maioria dos “pacientes” é composta por chamados **“neuros”** — pessoas que optaram por congelar apenas a cabeça, e portanto o cérebro.

Todos são **vitrificados**: o sangue é substituído por uma mistura de glicerina e agentes anticongelantes para evitar a formação de cristais de gelo que destruiriam as células.



A criogenia é **proibida na França**, mas **legal nos Estados Unidos**, onde, em 2016, mais de 300 pessoas já haviam sido congeladas, e em 2021 cerca de **2.000 pessoas em todo o mundo** haviam assinado contratos de criopreservação a serem ativados após a morte.

Os Espíritos foram claros a respeito dessa prática, em uma comunicação recebida em 1984:

“Querer, neste planeta, hibernar corpos para reanimá-los no futuro é uma ficção e, às vezes, particularmente perigosa. A

matéria mais sutil, que é a matéria perispiritual, sofre então um dano prejudicial ao espírito e pode impedir sua libertação no invisível. Esse processo, portanto, é fortemente desaconselhado.”

A “libertação” mencionada refere-se ao **processo normal da morte física** — quando o perispírito e o espírito deixam o corpo material em poucas horas ou dias.

Se houver congelamento **antes da morte física** ou **muito cedo após ela**, o **perispírito**, sendo semi-material, também se congela, e suas células são danificadas. O resultado: o perispírito pode **ficar aprisionado no gelo**, impedido de libertar-se do corpo, mantendo o espírito **preso à matéria**.

IV. O Espiritismo: a preeminência do espírito imortal sobre o corpo transitório

O transumanismo considera apenas o corpo, como continuidade levada ao extremo de uma ciência materialista cujo postulado — transformado em dogma — afirma que a matéria é a única realidade e que o espírito nada mais seria do que a atividade física do cérebro, este visto como o receptáculo da consciência (sem ousar pronunciar a palavra “espírito”).

Embora os Espíritos estejam de acordo com a biologia ao

reconhecer que a matéria cerebral é o agente essencial da manifestação da consciência, ensinam que **as manifestações do pensamento não se localizam na matéria cerebral**, pois esta apenas responde aos impulsos da nossa vontade consciente ou subconsciente — isto é, aos impulsos do **espírito**.

O **espírito não é matéria**, o **pensamento não é o cérebro**, e querer limitar o espírito a essa forma de matéria contida dentro do nosso crânio é um equívoco.

O Espiritismo nos ensina a origem e a composição do ser humano: um **espírito imaterial, invisível e impalpável**, criado por uma força divina; um **corpo perispiritual semimaterial** (o *perispírito*, que significa literalmente “ao redor do espírito”), que garante o vínculo entre o espírito e o corpo físico; e, por fim, o **corpo físico**, perecível, que constitui o terceiro componente.

O espírito **sobrevive além da morte** e é ele quem registra tudo o que experimenta, tanto no plano espiritual quanto durante suas encarnações, graças ao perispírito, que também serve de suporte para cada nova existência corpórea.

Genética espiritual e corporal

O transumanismo confia na genética; contudo, o Espiritismo ensina que **nossa genética não provém exclusivamente de nossos pais biológicos, mas é múltipla**.

Mensagem de um Espírito, 1992:

“Na elaboração do corpo no momento da reencarnação, a influência das existências anteriores e da natureza espiritual (genética espiritual e perispiritual) será de 70%.

Reservamos 30% para a herança genética familiar (genética corporal).

Esta afirmação é prudente, incompleta e ainda está por se definir. O patrimônio genético não pode ser negado — ele existe.

No entanto, a força do espírito é a força dominante.

Para cada indivíduo, seria necessário estabelecer uma variação nas proporções que acabo de indicar.”

O envelhecimento e o equilíbrio natural

O transumanismo deseja deter o processo de envelhecimento, enquanto o Espiritismo ensina que o envelhecimento é **natural e, sobretudo, inevitável**.

Mensagem de um Espírito, 1985:

“O processo de envelhecimento é natural e está relacionado à duração da vida das células dos corpos físicos.

Não é possível — e certamente não é desejável — detê-lo. No entanto, é perfeitamente possível ao ser humano manter uma condição física satisfatória no que diz respeito às células nervosas(neurônios), musculares e orgânicas.”

Assim, se o envelhecimento é impossível de ser detido, os Espíritos nos oferecem **meios terapêuticos para envelhecer melhor** durante a encarnação: o uso de **oligoelementos e magnetismo** para regenerar os neurônios, além de **terapias espíritas e soluções vegetais** voltadas ao bem-estar.

À pergunta formulada para explicar a longevidade de alguns homens que chegam aos 120 anos ou mais, os Espíritos responderam, em 1986:

“O homem da medicina ou o biólogo da Terra poderiam dar uma resposta idêntica à minha: o ser humano está biologicamente programado para viver 120 anos.

Se o ser humano não fosse atacado em seu psiquismo e em sua estrutura carnal por elementos externos, é absolutamente certo que todos os habitantes deste planeta viveriam 120 anos ou mais.

Os que alcançam essa idade vivem longe das cidades, em regiões elevadas — especialmente nos Andes, nos Urais e na Sibéria.

Alimentam-se de plantas e, principalmente, de laticínios. Por viverem de forma natural, podem chegar a essa idade.

Não tenho resposta moral para essa expectativa, pois considero que a duração da existência é menos importante do que o seu conteúdo.”

O envelhecimento, portanto, é natural, o que **contradiz as teorias transumanistas que buscam a imortalidade do corpo físico** e desejam preservá-lo *ad vitam aeternam*, como na criogenia.

Nosso corpo físico poderia resistir por cerca de 120 anos, sob condições de **alimentação simples, ingestão adequada de oligoelementos, ambiente menos agressivo** e, sobretudo, **uma psique equilibrada e saudável**.

A morte como passagem

O transumanismo quer eliminar a morte, enquanto o Espiritismo ensina que **a morte não é apenas inevitável, mas uma etapa indispensável dentro da lei da reencarnação**.

O espírito humano, imaterial, criado simples e ignorante, precisa **aperfeiçoar-se e evoluir** tanto em conhecimento quanto em sentimento, multiplicando as experiências da vida através

das sucessivas encarnações em corpos humanos.

Entre cada existência corpórea, o espírito permanece no plano espiritual, sem corpo físico, conservando apenas o **perispírito**.

Mensagem de um Espírito, 1982:

“A reencarnação continua sendo uma lei da qual ninguém pode escapar.

O espírito encarnado segue o caminho rumo à liberdade futura, como toda alma que se reencarna. Esse caminho é o conduto material indispensável para que o espírito possa experimentar sua identidade através da matéria.

O espírito deve avançar e, para isso, conserva em sua própria consciência a ideia universal das modalidades desse progresso.”

Por fim, o transumanismo busca a **imortalidade do homem pelo prisma do corpo físico**, enquanto o Espiritismo recorda que **nossos corpos são apenas temporários no processo reencarnatório e, sobretudo, perecíveis**, pois somente o **espírito é imortal**.

Em *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, a resposta é inequívoca:

“Em que sentido deve-se entender a vida eterna? É a vida do espírito que é eterna; a do corpo é

transitória e passageira.
Quando o corpo morre, a alma retorna à vida eterna.”

Conclusão

Com suas **promessas milagrosas de ultrapassar os limites do corpo**, de **fundir-se à máquina** e de **libertar-se da velhice e da morte para viver para sempre**, o transumanismo exerce um fascínio inegável.

No entanto, ele **não passa de um avatar modernizado da ciência do século XIX**, que se desvinculou da espiritualidade e passou a considerar apenas a matéria, ignorando o espírito.

Não produzirá um “humano aumentado” liberto de sua condição mortal.

Pelo contrário, parece estar profundamente ligado ao **modelo capitalista de sociedade**, intrinsecamente baseado na apropriação e exploração tecnocientífica ilimitada da vida e dos seres vivos.

O transumanismo é, em última análise, **uma fantasia de imortalidade reduzida a um único corpo e a uma única existência**, incompatível com a **lei da reencarnação**.

O corpo é transitório.
O espírito é eterno.

Somente o espírito é imortal — e jamais poderá ser “baixado” ou “transferido”, por mais bilhões de dólares que sejam investidos em novas tecnologias e empresas futuristas.

Assim como, no passado, a astronomia e a física **aboliram o geocentrismo** — que via a Terra imóvel no centro do universo —, o **desenvolvimento do Espiritismo** e o reconhecimento da realidade espiritual farão desaparecer, com o tempo, o **transhumanismo**.

Porque a verdadeira superação do ser humano não se dá pela máquina, mas pelo **aperfeiçoamento moral e espiritual**.

nota editorial introdutória, para contextualizar o artigo no boletim (ex.: “Tradução de Ivette Ayala para CEPA Internacional – Adaptado ao português do Brasil”).

COLEÇÃO LIVRE PENSAR

A EVOLUÇÃO DOS ESPÍRITOS, DA MATÉRIA E DOS MUNDOS

CAP 2 – O Conceito de Evolução na obra de Kardec

Gustavo Molfino & Reinaldo Di Lucia



- Título do livro: “A evolução dos espíritos, da matéria e dos mundos”.
- Autores: Gustavo Molfino e Reinaldo Di Lucia.
- Ano de publicação: 2025.
- Gênero: Espiritualismo.
- Coleção: Pertence a “Livre Pensamento: Espiritismo para o Século XXI”.

O conceito de evolução do Espírito, sem dúvida a pedra angular do conjunto filosófico espírita, deriva diretamente de sua cosmovisão, ou seja, da forma pela qual, nessa visão, o Universo se constitui. Tal como propõe Allan Kardec em sua obra, especialmente em O

Livro dos Espíritos, o Universo é composto por dois elementos gerais: espírito e matéria. Ambos foram criados por Deus. O espírito pode ser descrito como o “elemento inteligente da criação”, enquanto a matéria é “o instrumento que ele usa e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação”.

Podemos encontrar semelhanças entre as ideias de Espírito e Matéria e as ideias filosóficas de Ser e Ente. Esses conceitos de Espírito e Matéria são puramente metafísicos. Ontologicamente falando, o Ser é um conceito puro, sem existência física (nas palavras de Parmênides: “o Ser é, o não-ser não é”). O Ente é a realização do Ser no plano da existência. Espírito e Matéria são puramente metafísicos. É a partir da individualização desses conceitos, passando do plano do Ser ao plano do Ente, que encontramos os diversos espíritos e os incontáveis tipos de matéria que vemos e percebemos ao nosso redor.

A matéria, ao individualizar-se em nosso Universo, é regida por Leis Físicas, estudadas por nossas ciências “duras”: Física, Química e Biologia, principalmente. Por analogia, Kardec criou o conceito de Leis Morais, que são as que regem os espíritos.

Esquemáticamente, podemos descrever o conceito espírita de Universo da seguinte maneira: o Deus espírita é um Deus criador. Definido em O *Livro dos Espíritos* como “Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas”, é, para usar a terminologia aristotélica, a causa eficiente do Universo.

Dessa forma, Kardec considera que o espírito é criado por Deus, assim como todas as formas de matéria. Quanto ao surgimento dos princípios espirituais, podemos falar de um espiritismo criacionista, entendendo aqui o criacionismo como a crença segundo a qual o Universo e todas as suas partes são a criação de um agente

sobrenatural (isto é, exterior a este mesmo Universo).

Parece claro, contudo, que a ideia da criação inicial do Universo não implica diretamente a eliminação do conceito de evolução. Para a filosofia espírita, a criação divina apenas faz surgir aquilo que, de outro modo, seria o surgimento de algo a partir do nada, e põe em marcha um processo natural de transformação que recebe o nome de evolução.

É necessário diferenciar, porém, a evolução da matéria da evolução do espírito. De fato, Kardec não postula a evolução material até a segunda edição de *O Livro dos Espíritos*, publicada em 1860, ou seja, um ano após a publicação de *A Origem das Espécies*, de Charles Darwin. E só a desenvolverá em *A Gênese*, lançada oito anos depois. Kardec propunha que cada espécie surgia em seu próprio momento, a partir do desenvolvimento de seus germes, então em estado latente — praticamente o conceito de geração espontânea.

Mas os conceitos de evolução material e de evolução das espécies, embora presentes de forma sutil na obra kardequiana, não são essenciais para o desenvolvimento filosófico do espiritismo. O lado material da

dualidade estrutural do Universo não é o tema central nem da ciência nem da filosofia espírita. O foco do espiritismo é o Espírito — seu surgimento, desenvolvimento e finalidade.

A cosmovisão do espiritismo parte, assim, da criação do Universo por um Ser Superior. Tal Universo, dualista, composto de matéria e espírito, essencialmente distintos mas complementares, parte de um estado inicial absolutamente desprovido de complexidade. O Espírito, através do contato incessante com a matéria, da experiência adquirida nas relações interpessoais e sociais ao longo das diferentes experiências — sejam através da matéria ou não —, torna-se cada vez mais complexo e inteligente. Eis a evolução do Espírito, um dos princípios fundamentais da teoria espírita.

Como podemos definir evolução? A evolução remete ao aperfeiçoamento, crescimento ou desenvolvimento de uma ideia, sistema, costume ou indivíduo. No contexto filosófico, representa uma alteração progressiva de um ser ou de um sistema rumo a um estado final, incluindo a noção de superação.

Do ponto de vista espírita, a evolução é um processo de

crescimento do Espírito, a partir do qual este adquire cada vez mais consciência de si mesmo e de seu entorno, tornando-se um ser cada vez mais complexo e integrado ao todo universal. Aumenta seu conhecimento e sua capacidade de compreender e interagir, sendo, portanto, uma ferramenta de crescimento intelectual, mental e emocional. À medida que cresce sua compreensão da estrutura universal e dos mecanismos de ação que utiliza, suas ações em relação aos seres ao seu redor tornam-se cada vez mais éticas, em consonância com os princípios fundamentais do espiritismo. Daí Kardec falar em evolução intelectual e moral.

Compreender a evolução dessa forma leva a algumas consequências inevitáveis:

Primeiro, a impossibilidade de comparar os níveis evolutivos dos espíritos. Embora Kardec tenha elaborado uma escala de espíritos, propondo elementos para avaliar o estado de evolução dos mesmos (imperfeitos, bons espíritos e espíritos puros), utilizar tais critérios para comparar e classificar cada espírito é desconhecer não apenas sua história, mas também a possibilidade de sua ação autônoma em favor de sua evolução. Também é

limitar os caminhos de cada espírito a um único percurso, que inevitavelmente conduzirá ao mesmo destino, restringindo assim o livre-arbítrio e enfatizando o determinismo desse caminho.

Evoluir é elevar o próprio nível de consciência a partir da perspectiva única do próprio ser. Não é um grau que se alcança em relação a um padrão previamente estabelecido, mas sim: quanto melhor compreendo o Universo que me rodeia, maiores são minhas possibilidades de modificá-lo de acordo com meu desempenho.

Um segundo aspecto, corolário do primeiro, é a compreensão de que as diferentes encarnações são simplesmente oportunidades para vivenciar situações distintas, nunca formas de castigo por não alcançar padrões evolutivos propostos. Da mesma forma, quanto maior for seu nível de consciência, maiores serão as possibilidades de escolha, já que, sendo um resultado direto da própria existência, a evolução ocorre em todos os lugares e em todos os momentos.

Terceiro, a evolução do espírito é individual, ou seja, de responsabilidade do próprio espírito. Não é possível, porém, ignorar toda a influência do

ambiente social no qual o indivíduo está inserido. Fazê-lo seria considerar que a sociedade é meramente um conjunto de individualidades coexistentes, resultando apenas na soma de seus componentes. A sociedade é muito mais do que isso; possui características próprias que vão muito além da simples reunião de indivíduos. E essa interação entre os espíritos individuais e as diversas estruturas sociais em que estão inseridos permite e conduz a caminhos evolutivos diferentes para cada um.

Nesse sentido, é necessário ressaltar que, assim como os espíritos, as sociedades também evoluem, no sentido de que a compreensão da relação ética e moral entre os indivíduos — inclusive o comportamento — se amplia e se modifica com o tempo. Por isso, temas sociais importantes na época de Kardec, como o duelo, foram sendo substituídos por outros que estão na pauta do nosso tempo, como os modelos familiares, a identidade de gênero, a descriminalização do aborto, os sistemas econômicos (e sua importância para as oportunidades de crescimento), feminismo, preconceito e muitos outros que não serão tratados neste livro.

Resumo do Capítulo 2

O capítulo analisa como Allan Kardec, fundador do espiritismo, entende a evolução do Espírito dentro de sua visão do Universo e como esse conceito se torna um dos pilares fundamentais da filosofia espírita.

1. A visão do Universo segundo Kardec

- O Universo é composto por dois elementos criados por Deus:

- o Espírito – o “elemento inteligente da criação”.

- a Matéria – o instrumento sobre o qual o espírito atua.

- Kardec adota uma visão dualista, em que ambos são distintos, porém complementares.

- Define Deus como a “Inteligência Suprema, causa primária de todas as coisas”, ou seja, o criador do Universo.

2. Criação e evolução

- Embora o espiritismo parta de uma visão criacionista, reconhece que a criação divina dá início a um processo contínuo de transformação, chamado evolução.

- Kardec distingue entre:

- o Evolução da matéria – explica a transformação física (mais próxima das ciências naturais).

- o Evolução do espírito – núcleo da doutrina espírita.

- Após a publicação de *A Origem das Espécies* (Darwin, 1859), Kardec incorpora

gradualmente a ideia de evolução material, mas mantém o foco principal na evolução espiritual.

3. A evolução do Espírito

- O Espírito progride e se aperfeiçoa por meio da experiência, do contato com a matéria e das relações sociais.
- Esse desenvolvimento o conduz a uma evolução intelectual e moral, ampliando sua consciência, conhecimento e ética.
- A evolução não tem um fim fixo, mas representa uma superação constante rumo a estados de maior compreensão e harmonia com as leis universais.

4. Princípios básicos do espiritismo

Kardec propõe seis princípios fundamentais:

1. Existência de Deus.
2. Existência e imortalidade do Espírito.
3. Evolução infinita do Espírito.
4. Pluralidade das existências (reencarnação).
5. Pluralidade dos mundos habitados.
6. Comunicabilidade entre espíritos encarnados e desencarnados.

Esses princípios servem como base flexível para a filosofia

espírita, aberta à revisão conforme evolui o conhecimento humano.

5. Consequências filosóficas do conceito de evolução

- Não se podem comparar os níveis evolutivos dos espíritos: cada um tem seu próprio caminho e livre-arbítrio.
- A reencarnação não é um castigo, mas uma oportunidade de viver novas experiências que favorecem o crescimento.
- A evolução é individual, mas influenciada pelo ambiente social. As sociedades também evoluem, modificando seus valores e conceitos morais ao longo do tempo (por exemplo: temas como família, gênero, aborto ou justiça social).

Conclusão

A evolução do Espírito é o eixo central do pensamento kardequiano: um processo eterno de crescimento intelectual e moral que conduz o ser à perfeição e à união com o todo universal. É a manifestação do propósito divino dentro da criação.

Conheça o Museu AKOL – “Allan Kardec Online”

Tivemos a oportunidade de assistir duas apresentações sobre este Museu, a primeira em maio de 2024, em Porto Rico no 24º Congresso da CEPA e a segunda agora em maio de 2025 em Porto Alegre no VI Encontro da CEPA Brasil.

Do site retiramos:

Sobre o Museu

“Os itens que compõem o museu **AllanKardec.online** são raros, sendo que muitos são inéditos e totalmente desconhecidos do Movimento Espírita Brasileiro e do Espiritismo Internacional. O acervo disponibilizado é extremamente significativo, tanto do ponto de vista acadêmico, quanto como material de grande riqueza histórica para todos os interessados em estudar e pesquisar o trabalho do mestre Allan Kardec e do Espiritismo.

O museu virtual não vai medir esforços para tornar o acervo digitalizado de forma aberta para uma ampla variedade de usuários de todo o mundo, com o intuito de conhecimento, aprendizagem, estudos,

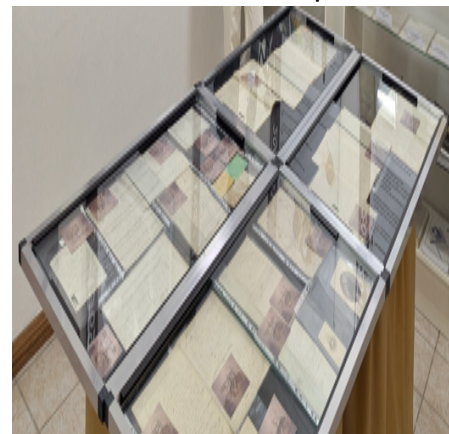
ensino e pesquisa. Vamos procurar digitalizar todo o acervo e disponibilizá-lo, gratuitamente, para o bem e divulgação do Espiritismo, sem qualquer viés político ou ideológico.

Se você perguntar a algum frequentador assíduo de centro espírita, provavelmente receberá a seguinte resposta: o Espiritismo é uma doutrina revelada pelos espíritos superiores a Allan Kardec, que a codificou em cinco obras: O Livro dos Espíritos, O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese.

Para os estudiosos e livres pensadores do Espiritismo ele responderá que as obras do mestre Kardec são em número muito maior que isso, incluindo aí as Revistas Espíritas – Jornal de Estudos Psicológicos, publicadas pelo mestre entre 1858 e 1869.

O objetivo do site é permitir que todos possam ter acesso a documentos raros e obras, praticamente, desconhecidos da quase totalidade do mundo Espírita, colaborando assim, para o desenvolvimento da

Doutrina Espírita. Além disso, e talvez o maior objetivo, é propiciar que pesquisadores possam efetuar estudos mais profundos nos documentos apresentados e tomar conhecimento de como Allan Kardec conduziu e elaborou seus estudos para a



codificação da doutrina.

Com certeza, esta iniciativa propiciará que a história do Espiritismo seja mais conhecida e, quem sabe, reescrita através das novas informações e conhecimentos trazidos pelos documentos do acervo apresentado.

Assim seja e assim será !”

Como acessar o Museu AKOL:

<https://allankardec.online/museu/>

Exposição do Museu AKOL no VI Encontro da



CEPABrasil

Conheça o Curador do Museu - ADAIR RIBEIRO JR.
adairrj@gmail.com

Natural de Londrina-PR, engenheiro naval, pesquisador, escritor, especialista e mestrando em Ciência da Religião da PUC SP, conselheiro do Instituto Espírita de Educação - IEE em S. Paulo, curador do Museu AllanKardec.online - AKOL - www.allankardec.online - cujo acervo é composto de fotos, manuscritos de comunicações recebidas na SPEE e outros grupos espíritas da época da codificação do espiritismo na França, cartas de Allan Kardec e diversos documentos importantes das primeiras décadas do espiritismo.

Juntamente com Carlos Seth Bastos e Luciana Farias, tem realizado pesquisas sobre a historiografia do espiritismo, particularmente sobre a polêmica das supostas adulterações de A Gênese e de O Céu e o Inferno, de Allan Kardec. Também é colaborador no CCDPE-ECM Centro de Cultura, Documentação e Pesquisa do Espiritismo – Eduardo Carvalho Monteiro, de São Paulo. Autor do livro “A Obra Esquecida de Angeli Torteroli – o Espiritismo no Brasil e em Portugal”.

A História do Museu:

Do trabalho apresentado por Adair Ribeiro, Anais do VI Encontro da CEPABrasil extraímos o texto abaixo:

“A história da criação do Museu AKOL - AllanKardec.online teve início em 2018, quando o proprietário das Editions Leymarie, uma centenária livraria parisiense, informou na rede 1A Editions Leymarie foi fundada nos anos 1890 e funcionou sempre no mesmo endereço, na Rue Sainte Jacques, 42, em Paris. Em dezembro de 2022, ela encerrou definitivamente suas portas. 13 VI Encontro Nacional da CEPABrasil social Facebook que estava disponibilizando para venda alguns manuscritos com a caligrafia e assinatura de Denizard Hippolyte Léon Rivail e outros contendo a rubrica de Allan Kardec. Após meses de

tratativas com o responsável da livraria e o devido processo de certificação da origem e autenticidade, milhares de páginas de documentos e livros foram negociados e passaram a integrar o nosso arquivo pessoal.

A nossa biblioteca particular já continha alguns exemplares de obras originais do espiritismo, adquiridas em várias livrarias internacionais, além de alguns poucos manuscritos franceses com a temática espírita, de interesse exclusivamente aos nossos estudos e utilizados em pesquisas acadêmicas.

Com a aquisição, nossa coleção passou a ser composta por quase a totalidade das edições originais publicadas por Kardec entre os anos 1850 e 1860; todos os números originais publicados pela Revista Espírita, desde o seu primeiro número até o final do século XIX; dezenas de correspondências trocadas pelo casal Rivail, entre os anos de 1830 e 1850, antes mesmo do uso do pseudônimo Allan Kardec; outro tanto número de cartas, agora já do período Kardec; documentos administrativos da SPEE e da Sociedade Anônima; dezenas de manuscritos com as ditas comunicações mediúnicas que propiciaram os estudos realizados nas sessões da

SPEE e foram responsáveis pela formação do conhecimento que deu origem a muitas das obras publicadas por Kardec; comunicações mediúnicas obtidas em outros grupos espíritas franceses do século XIX; fotos; jornais e periódicos; cadernos com a caligrafia de Allan Kardec, relatando atividades da SPEE e de viagens realizadas pelo fundador do espiritismo; listas de frequentadores daquela entidade; documentos do final do século XIX e início do XX, elaborados por entidades e personagens que deram continuidade ao espiritismo na França no pós-Kardec etc.

Entre elas, encontram-se as duas primeiras edições de O Livro dos Espíritos de 1857. Após sua chegada ao Brasil, o volumoso acervo documental e de livros exigiu um rigoroso processo de higienização e catalogação daquele material. Só então foi possível dar início à transcrição e a tradução de alguns poucos manuscritos.

Em virtude da grande quantidade de documentos, cerca de três mil páginas, das dezenas de livros raros e da comprovada relevância historiográfica, nosso pensamento evoluiu para a criação de um museu virtual. Um ambiente em rede que pudesse fazer uso de uma plataforma digital, acessível e conectiva, objetivando a

publicização do acervo para que o mesmo pudesse ser utilizado também por outros estudiosos.

Um espaço onde pudéssemos colocar o conteúdo no formato digital a disposição dos interessados e que pudesse ser acessado e consultado de qualquer lugar.

Nossa ideia inicial era que neste local digital pudessem ser informados links e informações para que o interessado pudesse acessar também outros repositórios de documentos e pesquisadores que tivessem interesse na temática do espiritismo: uma rede de e para pesquisadores do espiritismo.

Assim, em 2020 foi lançado o Museu AKOL, disponibilizado na web no endereço www.allankardec.online.

Todas as despesas, da mesma maneira como tem ocorrido com a aquisição do acervo particular, são suportadas por recursos próprios, sem nenhum investimento público.

O Museu AKOL pode ser compreendido como oriundo de um colecionismo privado, que adquiriu e adquiri constantemente documentos relativos ao espiritismo, os armazena e, a partir de sua digitalização, se convertem em arquivos que alimentam o museu virtual.

Atualmente são contabilizadas quase 25.000 páginas digitalizadas no Museu AKOL, organizadas em seis seções: Manuscritos; Cartas; Jornais; Livros; Revistas; e CSI do Espiritismo. Esta última parte é destinada às “monografias”, resultados consolidados de pesquisas efetuadas por outra página digital, que se utiliza do acervo do AKOL e que também se dedica à historiografia do espiritismo.

Vários estudos em ambiente acadêmico foram realizados por pesquisadores espíritas fazendo uso das fontes disponibilizadas e da devida metodologia acadêmica. Inúmeros livros de cunho historiográfico e artigos foram publicados no periódico espírita JEE, cujo editor se vale da metodologia do “duplo cego”.

VIDA: UM ETERNO RECOMEÇO

“Só existe uma única ideia suprema sobre a terra: o conceito da imortalidade da alma humana; todas as outras ideias profundas pelas quais os homens vivem não passam de extensão dela. - Fiodor Dostoievski

Milton Medran Moreira

Para quem não aceita o princípio filosófico de que a vida do espírito está submetida à imortalidade e ao progresso contínuo, o título deste artigo poderá não ter maior sentido.

O materialismo, ao sustentar que a vida começa no berço e termina no túmulo, sugere a inutilidade de transformações ao ser humano que tenha alcançado a maturidade da existência. Logo ali adiante, a vida fenecerá e de nada valerão mudanças de crenças, ideias e propósitos.

As religiões cristãs, nas quais nossa cultura está mergulhada, fundam-se na ideia da salvação. Somos – sustentam – produtos do pecado. A vida material, transcorrida neste “vale de lágrimas”, é oportunidade única de redenção da alma, que se dá pela “graça”. Esta a uns alcança e a outros não. A morte, que a qualquer momento nos pode surpreender, irá decretar a sorte futura e imodificável ao curso da eternidade. Não havendo outras chances de transformação, o destino do espírito estará selado para o resto da eternidade: ou o gozo infinito da ventura celestial, ou o sofrimento

sem remissão para todos os tempos.

A escola espiritualista reencarnacionista, na qual se insere o espiritismo, acresceu à ideia da imortalidade, pregada pelo cristianismo, a da evolução contínua do espírito. É, recorrendo à frase de Dostoiévski que abre estas reflexões, uma extensão da ideia central da imortalidade, a qualificação desta, relegando ao próprio espírito – e não a entidades sobrenaturais – o futuro do espírito em busca contínua do progresso e da evolução, e, por consequência, da felicidade.

A vida, vista assim, ganha uma amplitude que faz do tempo – qualquer tempo e em qualquer estágio – um precioso aliado do progresso individual do ser inteligente. Cada encarnação, afirma a questão 132 de O Livro dos Espíritos, é um passo a mais na busca da perfeição, colocando o espírito “em condições de cumprir sua parte na obra da Criação”, isto é, contribuindo também para o progresso do planeta e de seus ocupantes.

Isso se dá mediante contínuo processo de transformação. Uma transformação gradualmente progressiva, não interrompida com a

morte, já que esta não passa de mero episódio da caminhada do espírito imortal.

Nós, humanos, dividimos o tempo em fatias, a mais importante das quais é o ano, esse período de 365 dias que mapeia todas as atividades humanas. A cada início de ano, por tradição ou por meros interesses e objetivos, sejam materiais, sejam espirituais, fazemos planos, e prometemos a nós próprios transformações capazes de nos tornar melhores, mais saudáveis, mais felizes etc.

Quem, como nós, espíritas, alimenta convicções acerca da imortalidade e do progresso evolutivo há de trabalhar sempre com perspectivas mais amplas de transformação. Está sempre preparado para a morte, fim de um ciclo. Mas esta não lhe tolhe a esperança. A vida é vista, assim, como um “continuum” evolutivo e sempre transformador, seja o plano em que estivermos ou para o qual haveremos de migrar.

O início de mais um ano sugere, sempre, transformações, mudanças importantes, renovação. Nem sempre, poderemos cumpri-las devidamente. Obstáculos interpostos pelo

mundo exterior ou por nós próprios, com nossas fraquezas e imperfeições, eventualmente poderão postergar nossos objetivos.

Nossa condição de espíritas faz de nós juízes de nós próprios. Permite reconhecermos nossas próprias fraquezas e buscarmos formas de as superar. Allan Kardec, em magistral frase, sublinhou que se reconhece o verdadeiro espírita “por sua transformação moral e pelo esforço que faz para domar suas más inclinações”. Admite, assim, que a transformação é o objetivo do espírita, mas que esse objetivo nem sempre é atingível numa única encarnação. Daí a necessidade do “esforço” para domar suas más inclinações. Na perspectiva reencarnacionista, o esforço iniciado, impulsionado em uma existência, muitas vezes, só atingirá seu objetivo numa outra vida.

Enfim, o tempo é nosso grande aliado. Não pesa sobre nós qualquer ameaça e nenhum risco de condenação. Isso nos permite elaborar nosso processo de transformação de forma racional. Se falharmos, deveremos ter a humildade, a persistência, a resiliência no sentido de retomar sua busca.

Que o ano de 2025 seja, assim, cenário propício para nosso crescimento, tendo sempre em vista que o

tempo joga, em qualquer circunstância, a nosso favor.

A propósito do tempo, aliás – e já que iniciamos esta reflexão com a citação de um eminente pensador russo –, vale reproduzir sentença de outro não menos ilustre personagem soviético, Leon Tolstói, para quem “o tempo e a paciência são dois eternos guerreiros”.

Quem está convicto da imortalidade do espírito e de sua natural vocação progressista sempre verá em ambos, o tempo e a paciência, poderosos vetores de transformação contínua.

(17.12.24 – Para o boletim da CEPA)

O QUE É A VIDA?

Editorial Flama Espírita

Boletim de Divulgação do Centro Barcelonês de Cultura Espírita

A vida é um presente extraordinário, repleto de surpresas bem fundamentadas. Para compreendê-la assim, é indispensável contemplá-la com uma perspectiva que se desprende do acúmulo de sabedoria adquirido através das experiências vividas.

Não é nada fácil encarar-la dessa forma, pois as diferentes situações que vão surgindo pegam o indivíduo de surpresa, colocando-o diante de verdadeiros dilemas que, em muitas ocasiões, ele não sabe como abordar nem de que maneira encontrar a solução adequada para resolvê-los.

É o processo que se segue para adquirir aquela maturidade indispensável que ajudará a encarar com serenidade qualquer circunstância, proporcionando, ao mesmo tempo, o equilíbrio necessário que auxiliará a encontrar — se não a solução definitiva —, ao menos o remédio adequado para digerir o que possa ter surgido ao longo do caminho da vida.

Tudo é uma questão de não se precipitar e, principalmente, de saber confiar em que nunca se está sozinho, para o bem ou para o mal. Dependendo da atitude com que se consiga enfrentar esses acontecimentos que perturbam o curso da vida, a ajuda ou o obstáculo alcançará aquele que se converte no ator protagonista da situação que se apresentar.

É muito importante, portanto, permanecer sereno, com a certeza de que não faltará o apoio merecido. E, de modo tranquilo, as diferentes soluções irão se apresentando, permitindo colocá-las em prática e dar por concluída essa experiência.

E, nesses momentos, é preciso saber extrair dela o ensinamento que ofereceu, pois isso permitirá, em ocasiões futuras, sair vitorioso das novas surpresas que, a modo de exame, a vida nos apresentará.

Sim, a vida é um presente; um presente importante; um presente, às vezes, cativante, mas também amargo. No

entanto, tudovai passando, e o ensinamento extraído se converterá em farol que iluminará o caminho até alcançar a meta.

Então, sim: **a vida é um presente!**

VELHO COM PRESSA PARA TUDO E DESEQUILIBRIO DO BOM SENSO

ARTIGOS COMUNICAÇÃO-CULTURA COTIDIANO DIÁLOGOS IA ESPIRITISMO VIDAS

espiritismo e+

expediente-on-line / blog do WGarcia

By wgarcia

Pelos idos de 1980, aos 70 anos João descobriu o Espiritismo e com ele retomou o entusiasmo pela vida. Dinâmico, em pouco tempo tornou-se um grande divulgador da doutrina, abalando-se a realizar palestras em diversas associações, ao mesmo tempo em que participava de eventos, seminários etc., nos quais estudiosos mais experientes desenvolviam assuntos variados. João corria contra o tempo, como se não houvesse o amanhã. Em meio a reflexões apropriadas, João começou a defender ideias absurdas, confundindo princípios com opiniões. Entre as várias que apresentava, estava a de que ETs seriam espíritos que se comunicavam por meio de médiuns. João faleceu aos 74 anos.

Aprendemos com a idade a privilegiar as coisas mais

importantes e a dar valor ao que de fato importa e umas dessas coisas que importam é o tempo, que sabemos ser relativo. Mas a pressa do dia a dia nos modela e continuamos a tudo fazer como se não tivéssemos tempo. A sociedade diz que tudo é para hoje, enquanto o bom senso na maturidade afirma: eu decido o ritmo das coisas que faço, mas... nem sempre isso acontece.

O velho que tem pressa para tudo, realmente, perde o equilíbrio do bom senso, pois a sabedoria que vem com a idade deveria ensiná-lo a priorizar o que realmente importa.

Com o tempo, aprendemos que certas coisas exigem paciência, que momentos precisam ser vividos sem correria, e que a verdadeira importância está nas relações, nas experiências significativas e no presente.

No entanto, mesmo com essa consciência, muitas vezes nos deixamos levar pela pressa do cotidiano, agindo como se o tempo estivesse sempre escapando entre nossos dedos.

A vida moderna nos condiciona a essa urgência constante, mas nos cabe desacelerar, respirar e lembrar que o tempo não é apenas quantidade, mas qualidade. Talvez o verdadeiro aprendizado da maturidade seja justamente saber quando acelerar e, principalmente, quando parar.

Quando descobrimos na idade madura projetos ótimos e alcançamos conhecimentos novos, às vezes, queremos fazer tudo com pressa para recuperar o tempo perdido, o que nos leva ao equívoco de contrariar o tempo, uma vez que coisas novas exigem

tempo para serem de fato introjetadas.

Exatamente! Essa é uma grande ironia da maturidade: justamente quando ganhamos clareza sobre o que realmente vale a pena, surge a ansiedade de “recuperar o tempo perdido”. Queremos abraçar novos projetos, saborear aprendizados e viver intensamente — mas a pressa, em vez de nos aproximar do que desejamos, pode nos afastar da verdadeira profundidade que essas experiências exigem.

O conhecimento e os projetos significativos não se assimilam na correria; precisam de tempo para serem digeridos, integrados à nossa história e amadurecidos como vinho. Quando tentamos acelerar esse processo, arriscamos transformar algo rico em superficial, de trocar a sabedoria pela ilusão de produtividade.

Talvez o desafio seja conciliar o entusiasmo da descoberta com a paciência que a idade já nos ensinou. Permitir-se explorar sem a tirania do relógio, entendendo que o “tempo perdido” não se recupera com afobação, mas se redime com presença e atenção plena. Afinal, o tempo é relativo — e o que importa não é quanto temos, mas como o habitamos.

A Psicologia e a contradição do tempo.

A Psicologia oferece várias perspectivas interessantes sobre esse dilema — a contradição entre a **pressa tardia** e a **maturidade acumulada**. Veja como algumas correntes e conceitos explicam e orientam esse fenômeno:

1. Teorias do Desenvolvimento Humano (Erik Erikson)

Erikson propõe que a velhice (fase da “Integridade vs. Desespero”) é um momento de **balanço existencial**.

O risco: A ânsia de “recuperar o tempo” pode surgir do **medo do desespero** (o temor de não ter vivido o suficiente). **A solução saudável: aceitar** que a vida tem ciclos e que **novos projetos podem ser vividos com profundidade**, não com pressa. A maturidade permite **priorizar o essencial** sem a tirania do “tudo agora”.

2. Psicologia Cognitiva: Viés da Escassez de Tempo

O fenômeno: Idosos muitas vezes desenvolvem uma hiper valorização **do tempo limitado**, levando a decisões impulsivas ou à superestimação de suas capacidades imediatas (ex.: “Preciso aprender tudo sobre Espiritismo em 6 meses!”).

O antídoto: Reestruturação cognitiva (perceber que “tempo não é quantidade, mas qualidade”) e **metas realistas** (ex.: “Vou estudar uma página por dia com reflexão, não dez sem assimilação”).

3. Neuropsicologia: Plasticidade Cerebral e Paciência

O cérebro idoso ainda é plástico (pode aprender), mas em um **ritmo diferente**.

A pressa excessiva gera **estresse**, que prejudica a memória e a consolidação de conhecimentos.

Dica: Aprendizado espaçado (estudar pouco e revisar muito) é mais eficaz que “enfiar goela abaixo”

4. Psicologia Existencial (Viktor Frankl)

A ânsia de acelerar projetos na velhice pode refletir uma **crise de significado** (“Preciso justificar minha existência”). Frankl diria: **O sentido está no processo**, não no resultado. A pressa rouba a **jornada significativa**.

5. Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT)

Aceitar que o tempo passou, mas que **ainda há espaço para crescimento** — sem culpa ou desespero. **Agir com valores** (ex.: “Quero estudar Espiritismo para **ser melhor**, não simplesmente para **provar algo**”).

6. Freud e a Maturidade Emocional

A pressa pode ser um **mecanismo de defesa** contra a ansiedade da finitude.

A maturidade emocional exige **tolerância à frustração** (“Não vou dominar tudo, e está bem”).

Conclusão da Psicologia:

O conflito entre **pressa e maturidade** é um **sinal de que a consciência da morte se aproxima**, mas a resposta saudável não é correr, e sim **viver com presença**. A velhice traz a chance única de **fazer menos, porém com mais significado** — e a Psicologia insiste: **isso exige autocompaixão e paciência ativa**.

Se o Espiritismo fala em “reencarnação” e tempo cósmico, a Psicologia diria: **“Você não precisa resolver tudo nesta encarnação. Respire. Assimilar é mais sábio que acumular.”**

No Espiritismo — como em qualquer caminho de transformação espiritual ou intelectual — o deslumbramento inicial pode nos levar a um **entusiasmo acelerado**, quase como se quiséssemos compensar os anos em que não conhecíamos a doutrina.

A pressa em **divulgar, estudar ou praticar** sem a devida assimilação pode gerar distorções, como:

Superficialidade:

Repetir conceitos sem os ter realmente vivido ou refletido.

Proselitismo vazio: querer “converter” outros sem antes ter humildade para reconhecer que ainda estamos aprendendo.

Frustração: Perceber, depois, que certas compreensões exigem tempo e desenvolvimento de valores, não apenas boa vontade.

Allan Kardec mesmo alertava sobre a importância do **amadurecimento gradual** do espírita. Em *O Livro dos Espíritos*, há a recomendação de que se estude com **sistematicidade e seriedade**, evitando interpretações precipitadas. E no *Evangelho Segundo o Espiritismo*, vemos que a **caridade** (inclusive a intelectual) deve vir com **discernimento**, não só com fervor.

A maturidade espírita — ou de qualquer jornada espiritual — não está em quantos livros lemos ou quantas palestras fazemos, mas em **como permitimos que esses ensinamentos nos transformem**, passo a passo. A **doutrina é complexa**, e sua profundidade exige **tempo de interiorização**.

O espírito verdadeiramente sábio é aquele que reconhece que a sabedoria

não se conquista na pressa, mas na persistência serena.

Essa contradição — **a maturidade que, em vez de trazer paciência, gera pressa desmedida** — é um paradoxo fascinante e especialmente delicado no contexto espírita. A doutrina, que prega **estudo sistemático e bom senso**, acaba sendo, por vezes, distorcida justamente por aqueles que, recém-chegados, querem “acelerar” seu domínio ou divulgação.

Por que isso acontece no Espiritismo (e em outros saberes)?

1. **O choque do “eu deveria ter conhecido antes”:** A descoberta tardia gera um **sentimento de dívida com o tempo perdido**, como se fosse preciso correr para compensar décadas de desconhecimento.

2. **O entusiasmo do neófito:** A luz da nova doutrina é tão intensa que alguns confundem **urgência com missão**, esquecendo que até Jesus preparou seus discípulos por anos.

3. **A ilusão do domínio rápido: acreditamos** que, por sermos maduros na idade, seremos imediatamente maduros na compreensão — mas **o espírito tem seu próprio tempo de assimilação**.

Os riscos dessa pressa (e como o Espiritismo os alerta):

Interpretações literais ou dogmáticas: A pressa leva a “absorver” ensinamentos sem a nuance necessária (ex.: confundir caridade com ingenuidade, ou livre-arbítrio com permissividade).

Ativismo vazio: **palestras,** posts e ações superficiais que **falam mais do ego do que da doutrina.** Como diz Emmanuel: *“Melhor silenciar para*

reformatar-se do que falar para deformar.”

Frustração e desânimo: quando a realidade não acompanha a velocidade desejada, alguns abandonam o caminho, julgando-o “ineficaz” — quando, na verdade, faltou **persistência tranquila.**

A solução? O próprio Espiritismo a oferece:

1. **“Nascer de novo”:** aceitar que todo aprendizado exige **recomeços,** mesmo na maturidade.

2. **Estudo com método (Kardec):** Não basta ler; é preciso **meditar, comparar, questionar** — e isso leva tempo.

Sem dominar o tempo, somos dominados por ele. A doutrina espírita, quando vivida com **profundidade e não com pressa,** justamente nos ensina a **transcender a tirania do relógio** e a agir no ritmo da consciência.

O Espiritismo e a sociedade contemporânea: conexões, interconexões e desconexões no diálogo comunicativo.

REFLEXÃO A VOZ DO ESPIRITISMO NÃO SE CONFUNDE COM O ECO DE SEUS INTÉRPRETES

WALTER PEREZ CUBA

No vasto e diverso movimento espírita, é comum encontrar vozes apaixonadas que interpretam, explicam e transmitem a doutrina conforme suas vivências, contextos e convicções. No entanto, é essencial recordar que o Espiritismo, como doutrina filosófica e moral, não se define pelas opiniões individuais de seus expositores, mas sim pelos princípios universais que o sustentam: a razão, a ética, a evolução espiritual e o amor ao próximo.

Cada líder doutrinário, por mais preparado ou influente que seja, oferece um olhar particular, moldado por sua cultura, formação e sensibilidade. Esses olhares podem enriquecer o diálogo, mas não devem ser confundidos com a voz da própria doutrina. Confundir o critério pessoal com o pensamento espírita é correr o risco de

dogmatizar aquilo que nasceu para libertar.

O Espiritismo não é propriedade de ninguém, nem está sujeito a hierarquias humanas. Sua força reside em sua capacidade de adaptar-se, dialogar e renovar-se sem perder a essência. Por isso, a verdadeira fidelidade ao Espiritismo não consiste em repetir discursos, mas em viver seus princípios com lucidez, humildade e compromisso ético.

Assim, cada reflexão, cada ensinamento, cada proposta deve ser examinada à luz da razão e do amor — não por quem a expressa, mas pelo que ela contribui para o crescimento espiritual e coletivo. Porque o Espiritismo não busca impor verdades, e sim despertar consciências.

LIVRO

A HISTÓRIA DE A GÊNESE: DA POLÊMICA AOS FATOS

Por Alcione Moreno – Brasil



Na *Revista Evolución – Venezuela Espírita*, 2ª etapa, número 7 (janeiro a abril de 2020), escrevi sobre a **adulteração do livro A Gênese, os milagres e as predições segundo o espiritismo**, em sua 5ª edição.

Atualmente, com a recuperação de grande parte da **coleção pessoal de Allan Kardec** —parte da qual tivemos a oportunidade de ver pessoalmente no **XXIV Congresso da CEPA**, realizado em Porto Rico, de 16 a 19 de maio de 2024, com exposição e apresentação de **Adair Ribeiro Junior**—, reuniram-se provas que buscam demonstrar que a **5ª edição de A Gênese** foi

atualizada pelo próprio Kardec.

É uma grande emoção poder tocar os escritos de Kardec e vislumbrar como ele trabalhava: suas pesquisas, suas anotações, seus critérios, que podemos observar nesses documentos. Por exemplo, veja o documento acima: é incrível como, numa época em que se dispunha apenas de pena e tinta, ele pesquisou tanto, escreveu diversos livros e artigos e realizou um trabalho tão excepcional.

Da controvérsia à revisão documental

No artigo de 2020, baseei-me na pesquisa de **Simoni Privato Goldanich**, em *O legado de Allan Kardec*; no livro *Autonomia: a história não contada do espiritismo*, de **Paulo Henrique de Figueiredo**; em *Muita luz*, de **Berthe Frope**; e no artigo de **Henri Sausse**, *Uma infâmia*, publicado na revista *Le Spiritisme*, órgão da União Espírita Francesa, em

dezembro de 1884.

Com esses documentos, apoiei a ideia de que o livro *A Gênese* havia sido adulterado.

Mas, como bem afirma **Humberto S. Coelho**, “um risco importante é o do simplismo em termos de causalidade histórico-social. Uma atitude saudável e viável é sempre evitar o conceito de causalidade, preferindo o de ‘seguir’ o fluxo histórico”.

Assim, com a descoberta de diversos documentos e **fontes primárias**, mudei de opinião: a **5ª edição de A Gênese SIM** foi revisada, corrigida e ampliada por **Allan Kardec**.

Novas evidências e fontes

No livro *A Gênese de Allan Kardec – Da polêmica aos fatos*, de **Adair Ribeiro Junior**, **Carlos Seth Bastos** e **Luciana Farias**, publicado pela **Sociedade Espírita Primavera** (2024), temos um material abundante apresentado pelos autores,

no qual diversos fatos são verificados.

Conforme relatam os autores:

“Ao longo de nossa investigação, além de divulgar os resultados parciais nas páginas de Facebook do CSI do *Espiritismo* (*Codification Séances Investigation*), do Museu Allan Kardec Online (AKOL) e do blog do site *obrasdeKardec.com.br*, escrevemos uma resenha da história da 5ª edição de *A Gênese*, uma série de três artigos para a revista *Estudos Espíritos*, e também realizamos várias lives sobre o tema, reunindo no livro os principais textos escritos sobre *A Gênese* e a documentação completa.”

O livro contém três apêndices:

I – Principais lives sobre a história de *A Gênese*.

II – A lei de imprensa na França no século XIX.

III – Fontes primárias em ordem cronológica.

Os autores afirmam também:

“Apresentamos provas capazes de pôr fim à polêmica sobre a autoria da edição atualizada de *A Gênese*, relatando diversos acontecimentos que compõem os bastidores do espiritismo, em particular o diálogo de Kardec com alguns espíritos (Arago,

Didier e Galileu) para atualizar a obra, e elementos que ilustram o *modus operandi* adotado por Kardec como autor, como exemplos da utilização da *Revista Espírita* como uma espécie de ‘laboratório’, antes de incorporar novos conhecimentos à doutrina.”

Confirmação documental

“Confirmamos, inicialmente, que Kardec foi o autor de uma edição atualizada de *A Gênese*, já que ele mesmo afirmou, no rascunho de uma carta de setembro de 1868, que havia uma nova edição da obra, com importantes correções e adições, que já se encontrava na fase inicial de publicação e, com isso, descartamos a hipótese H3.

Segundo Rouge, Rousset e Desliens, a 5ª edição de *A Gênese* de 1869, da qual existe um exemplar na Suíça, foi impressa de acordo com a Declaração de Impressão de fevereiro de 1869, com o texto modificado pelo autor.”

A) Rouge afirmou ter preparado os tipos móveis com o novo texto da obra, colocados à disposição de Rousset para gerar as matrizes.

B) Rousset informou ter moldado as matrizes da edição atualizada, paga por Kardec no final de 1868, fixando o texto em um molde inalterável.

C) Rousset também afirmou ter entregue a Aureau os clichês moldados a partir dessas matrizes em 1883.

D) A edição de *A Gênese* foi impressa com clichês por Aureau nesse mesmo ano, contendo, portanto, apenas o texto redigido por Kardec.

Três hipóteses e uma conclusão

Utilizando diversas fontes primárias, os autores trabalharam com três hipóteses:

- **H1:** Kardec é o autor da 5ª edição de *A Gênese*;
- **H2:** Kardec é o autor da 5ª edição, mas seu texto foi alterado por terceiros;
- **H3:** A 5ª edição é um texto completamente alterado por terceiros, sem a participação de Kardec.

Entre as principais conclusões apresentadas pelos autores (as declarações de Rouge e Rousset, a edição, o modo de fabricação desses tipos e outros detalhes constam na Parte II do livro):

- Kardec é o fundador da *Librarie Spirite et des Sciences Psychologiques*, editora da 5ª edição de *A Gênese* de 1869, responsável pela

publicação de suas obras;

- Kardec preparou a nova edição de *A Gênese*, com importantes correções e adições, que estava pronta e em processo de impressão desde 1868;
- O pedido de impressão dessa edição foi registrado pela tipografia em fevereiro de 1869, **com Kardec ainda vivo**;
- A publicação da edição foi provavelmente concluída entre abril e maio, logo após sua morte, **sob a supervisão de sua herdeira Amélie Boudet**, que, por contrato com o editor, estava legalmente obrigada a completar a publicação.

Amélie desempenhou um papel fundamental na obra de Kardec: por exemplo, registrou as edições 5ª e 6ª de *A Gênese* (1869) no inventário da *Société Anonyme* correspondente ao exercício de 1872/1873.

Sob sua tutela também foi publicado, em 1º de junho de 1869, o folheto **“Caractères de la Révélation Spirite”**.

Os autores **não identificaram em nenhuma fonte primária**

qualquer prova de que terceiros tenham modificado o texto de *A Gênese*, eliminando assim a hipótese H2 e confirmando **H1: Kardec foi o autor legítimo da edição revisada**.

Descobertas notáveis

O livro apresenta ampla documentação e achados que nos comovem.

Por exemplo, **Carlos Seth Bastos** encontrou uma referência a uma edição de 1869 em uma ficha de catalogação do **WorldCat**, que levou ao registro de um exemplar na **Biblioteca da Universidade de Neuchâtel**, na Suíça.

Vale lembrar que a inauguração da **“Librairie Spirite”**, onde Kardec fundaria sua própria editora e livraria (no número 7 da rue de Lille), estava marcada para **1º de abril de 1869**, mas **Kardec desencarnou em 31 de março**, na véspera da inauguração.

Posso imaginar não apenas as caixas de livros que seriam transportadas para a livraria, mas também as caixas de mudança, já que Kardec e Amélie iriam morar na **Villa Ségur**. Que pena!

Conclusão

“Estamos convencidos de que, quando se trata de pesquisa historiográfica, o

que se pode afirmar está sempre limitado ao que se conhece com certeza em um dado momento, e a conclusão é mais robusta quanto mais distintas forem as evidências que apontem para uma das alternativas, sem que existam elementos significativos em sentido contrário.

Diante dessa profusão de provas, rendemo-nos ao que os documentos demonstraram: que a atualização de *A Gênese* é autêntica e foi realizada pelo autor **Allan Kardec**, embora publicada postumamente por sua esposa.

Aqui se aplica o conhecido adágio: *contra os fatos, não há argumentos.*”

Dito isso, só nos resta **agradecer aos autores**, não apenas por sua brilhante pesquisa, mas, sobretudo, por **terem disponibilizado todo esse material ao público**.

Muito obrigada a **Adair Ribeiro Junior, Carlos Seth Bastos e Luciana Farias**.

Fonte: Alcione Moreno – *BrasilRevista Evolución–Venezuela Espírita, 2ª etapa, 2024 (versão ampliada de “Da Polêmica aos Fatos”)*

O NEUROCIENTISTA QUE VIVEU UMA EXPERIÊNCIA DE QUASE MORTE E AGORA ESTA INVESTIGANDO A VIDA APÓS A MORTE: “NÃO HÁ EVIDÊNCIAS DE QUE ELA NÃO EXISTE”



científicas, Alex Gómez Marín vació su laboratorio—donde investigaba con animales—y ahora colabora con hospitales para estudiar la consciencia humana.

Después de haber publicado más de 100 artículos en revistas

Daniel Mediavilla

26 OUT 2025 - 01:30 BRT

Alex Gómez Marín (Barcelona, 44 anos) acredita na utilidade da terapia de constelação familiar para superar traumas, que é possível falar com parentes mortos por meio de um médium ou que há indícios de que a reencarnação é uma realidade. Ele também é PhD em física e teve uma carreira científica de sucesso, com mais de 100 artigos publicados em periódicos que vão desde física teórica até neurobiologia, cognição e consciência humana. Isso o

levou a se tornar um cientista sênior do CSIC e a dirigir seu próprio laboratório, o Comportamento dos Organismos no Instituto de Neurociências de Alicante. Agora, seu laboratório está vazio e ele é o único membro da equipe; quase não recebe financiamento, e nenhum através dos canais usuais.

Gómez Marín nunca se cansou das respostas que lhe foram dadas pelos vermes, moscas ou ratos com os quais trabalhou, nem das questões estreitas e limitadas que a ciência costuma exigir para obter resultados confiáveis. Ele nunca foi um materialista,

pelo menos não inteiramente, mas uma experiência o fez abandonar definitivamente essa abordagem científica. Em 2021, um sangramento incontrolável no estômago o levou ao limiar da morte. Segundo o próprio cientista, até além. Desde então, ele queria trilhar um novo caminho de conhecimento que atacasse as questões fundamentais sobre a vida, a morte e a consciência que muitas vezes estão além do alcance da ciência convencional.

"Eu estava em um poço (um poço muito parecido com um que conheço bem). Eu olhei

para cima. Vi três figuras amorosamente esperando por mim na luz, esta amarela (semelhante à dos animais mitológicos do encontro interior). O contorno do rosto e do cabelo de cada uma dessas figuras estava perfeitamente delineado contra a luz. Suas cabeças formavam um triângulo perfeito no círculo da abertura. Ele sabia quem era cada um deles; Eles não eram parentes falecidos, mas guias espirituais. Eu não senti medo. Eles me ofereceram uma espécie de junco para sair do poço. É assim que Gómez-Marín relata sua experiência de quase morte que mudou sua vida em *A Ciência do Último Limiar*, um livro que acaba de publicar no qual questiona a estreiteza da ciência que não aceita esses fenômenos como uma questão de estudo.

Em entrevista no Menagerie do Parque El Retiro, em Madrid, ele diz que encerrou sua pesquisa com animais e agora trabalha com humanos. "Muitos desses experimentos não podem ser feitos em laboratório e colaboramos com hospitais, para poder fazer, por exemplo, estudos de testemunhos de experiências de quase morte", explica. Agora, diz ele, faz pesquisas o mais barato possível, "porque neste país ainda é difícil ter financiamento para estudar a consciência e, mais ainda, questões que estão à margem". E ele se consola pensando que "muitas vezes, a

maior parte do financiamento é usada para manter seus ratos ou ter microscópios, e não precisamos disso".

Quando lhe pediram para sonhar, diz que "se tivesse muito dinheiro criaria um Instituto para o Estudo da Consciência", porque agora os cientistas interessados nestes temas estão "escondidos em diferentes institutos." A neurociência na Espanha tem um legado de Cajal – muito focado na anatomia, molecular, no minúsculo – e estou no outro extremo: a consciência. Um instituto reuniria não apenas estudos sobre EQMs (experiências de quase morte), mas muitas outras experiências marginais e variadas. Há uma história de estudos parapsicológicos na Espanha —pessoas que se saíram bem em seu tempo livre—; Se fosse profissionalizado, poderíamos separar o joio do trigo", diz ele.

Em seu livro, Gómez Marín fala sobre pessoas que acreditam na vida além da morte ou em fenômenos paranormais como uma minoria que ele quer ajudar a sair do armário. No entanto, a realidade é que grande parte da população acredita que a morte não é o fim. Ele admite: "Sim, na realidade somos a maioria, mas uma maioria silenciosa que na escola ou na mídia encontra essa visão da ciência materialista ortodoxa. As pessoas, quando vão à ciência em busca de respostas para

essas questões, porque não as procuram mais na religião, se deparam com uma resposta um tanto depreciativa: como você acredita nisso? E essas pessoas se sentiram pequenas."

A premissa com a qual Gómez Marín trabalha é que, ao contrário do que propõem as teorias neurocientíficas mais aceitas sobre a consciência, como uma propriedade emergente que surge do cérebro, onde os processos neurais geram nossos pensamentos ou nossas emoções, esse órgão é na verdade uma espécie de filtro de uma consciência que existe no universo independentemente do cérebro. Essa hipótese explicaria, segundo Gómez Marín, fenômenos como experiências de quase morte, que ocorrem quando não há atividade cerebral, ou alguns experimentos com substâncias psicodélicas, nas quais a consciência se expande quando a atividade cerebral é reduzida.

O pesquisador nascido em Barcelona foi transformado por sua jornada até o limiar da morte, mas garante que trabalha com a dúvida. "Percebo que, pessoalmente, tenho experiência e um sentimento que pesa muito, mas como cientista devo manter a dúvida metodológica. No meu livro, há partes em que digo "parece bom" ou "há evidências que

apontam nessa direção", mas não afirmo certezas metafísicas. Algumas hipóteses são muito complicadas e não podem ser desmontadas com um único experimento. Não estou dizendo que a ciência prova que quando você morrer, irá para o céu. O que estou dizendo é que por muito tempo, em nome da ciência, se disse que acreditar nessas experiências era uma loucura. Houve uma espécie de ditadura conceitual materialista que fechou o espaço para a pesquisa. Agora estou convencido de que existem duas opções sobre a mesa: a do cérebro como produtor de consciência e a do cérebro como permissivo.

O interesse pela vida após a morte é eterno, mas talvez a necessidade de demonstrar cientificamente que é uma realidade seja mais nova. Os sucessos da ciência materialista, desde a formulação da lei da gravidade até a criação de medicamentos anticâncer, tornaram a ciência uma fonte de autoridade quase irrefutável. As pessoas têm fé em todos os tipos de mistérios implausíveis sem a necessidade de prová-los, mas agora a ciência também está procurando apoiar o que a experiência subjetiva parece ser verdadeira.

Manuel Sans Segarra, um cirurgião catalão aposentado que se tornou famoso

defendendo a existência de uma superconsciência que sobrevive à nossa morte, prefacia o livro de Gómez Marín. Com sua habitual miscelânea de argumentos em que relembra experiências de quase morte de seus pacientes, critica o fato de a ciência ser considerada o único meio para alcançar o conhecimento e se baseia em teorias científicas quânticas a anos-luz de distância da prova empírica, Sans Segarra mostra uma confiança muito maior no resultado final dessa jornada do que a de Gómez Marín. Embora não haja prova de que a superconsciência seja algo real, o prólogo de seu livro garante que já existe demonstração científica.

Uma coisa que foi mostrada é que muitas pessoas que experimentam experiências de quase morte voltam transformadas. Menos medo da morte, mais conexão com outras pessoas ou com a natureza, mais esperança. Além disso, como o próprio Gómez-Marín comenta, a experiência é vivida como algo "hiper-real", muito diferente de um sonho. Esse benefício é uma das motivações de quem quer demonstrar com a nova ciência que o fenômeno não é uma alucinação é um fator que lança dúvidas sobre a capacidade desses cientistas de supor, se tal experimento fosse possível, que quando o cérebro se desintegra nenhum tipo de consciência sobrevive. "A ciência, por muito tempo,

deu desespero. Em nome da ciência, dizia-se: 'Quando seu avô morrer, é isso, você não o verá novamente; isso é um fato científico'. Não, queridos, em nome da ciência não dá para dizer isso", diz o pesquisador, que lamenta: "Viemos de um deserto de desespero".

Na conversa com Gómez Marín, surge um conflito comum entre aqueles que aderem à ciência materialista e aqueles que acreditam que existe algo além, seja o Deus dos cristãos ou uma superconsciência estranha à religião organizada. O cientista aponta com razão os escassos sucessos da ciência convencional, que lida apenas com o mensurável e trata os humanos como máquinas complexas, para explicar a consciência, e até mesmo a rejeição que, desde a época de Galileu, essa ciência muito bem-sucedida teve em relação à experiência subjetiva de estar vivo. No entanto, nem os buracos deixados pelas teorias cosmológicas supõem que Deus teve que existir para criar tudo, nem as deficiências da neurociência são prova de que as experiências de quase morte são uma visita real ao limiar entre a vida e a morte.

Espiritismo e visitas ao Cuarto Milenio

A necessidade de esperança de Gómez Marín e sua aceitação de todos os tipos de fenômenos paranormais abrem as portas para práticas

como o espiritismo. Embora a capacidade dos médiuns de se comunicarem com os mortos tenha sido descartada por todos os tipos de experimentos, Gómez Marín acredita que não devemos nos fechar à possibilidade de que exista um médium real. "E se sim?" ele pergunta. "E se há pessoas que entram em contato com espíritos reais e uma pessoa que precisa entrar em contato com seu parente falecido, de fato, contatos, quem somos nós para dizer a eles para não fazerem isso? Também há golpistas entre advogados ou jornalistas", enfatiza.

Gómez Marín alterna visitas ao Cuarto Milenio, um programa que mistura mensagens científicas comprovadas com montagens grosseiras ou teorias da conspiração malucas, com publicações sobre a teoria da consciência em uma revista de prestígio como a Nature Neuroscience. Essa aparente inconsistência não é diferente daquela de grandes figuras que lideraram a revolução científica, como Newton ou Kepler. O filósofo John Grey afirma que "a ciência moderna começa quando a observação e a experimentação vêm primeiro, e os resultados são aceitos mesmo que o que eles mostram pareça impossível". Em seu ensaio The Commission for Immortalization, Grey escreve: "Por mais paradoxal que possa parecer, o empirismo científico

- confiando na experiência real e não em princípios supostamente racionais - tem sido muitas vezes acompanhado por um interesse pela magia". No entanto, na ausência de novos métodos para testar a natureza da realidade, por enquanto, a hipótese de que o cérebro não produz a realidade, mas a filtra, parece tão difícil de testar quanto a teoria das cordas.

Carl Sagan disse que alegações extraordinárias exigem provas extraordinárias. A ideia vem do raciocínio do filósofo David Hume sobre milagres, incluído em sua Investigação sobre o Entendimento Humano de 1748. Nele, Hume argumentou que "nenhum testemunho é suficiente para estabelecer um milagre, a menos que o testemunho seja de tal natureza que sua falsidade seja ainda mais milagrosa do que o fato que procura estabelecer". A declaração do cético escocês deixa muito espaço para a subjetividade. Para o público de Sagan, provavelmente era óbvio que não havia nada de extraordinário na evidência de milagres ou na sobrevivência da consciência. Para um crente, no entanto, um pequeno é suficiente para compreender a existência do sobrenatural.

MATÉRIA NO JORNAL EL PAÍS, ESPANHA, DE HOJE, 26/10/25.

<https://elpais.com/salud-y-bienestar/2025-10-26/el-neurocientifico-que-vivio-una-experiencia-cercana-a-la-muerte-y-a-hora-investiga-el-mas-alla-no-hay-pruebas-de-que-no-exista.html>

VOZES EM SOLIDARIEDADE

ESPIRITISTAS PROGRESSISTAS DENUNCIAM

MASSACRE EM GAZA Nota pública em repúdio

Nós, os coletivos espíritas abaixo assinados, manifestamos nosso mais veemente repúdio às ações violentas e covardes das Forças Armadas de Israel que, sob o comando do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, vêm promovendo um verdadeiro genocídio na Faixa de Gaza. É profundamente comovente e revoltante assistir à morte de civis — incluindo crianças — por fome, sede e bombardeios, além de relatos gravíssimos de pessoas sendo alvejadas enquanto buscam alimentos.

Diante desse cenário de barbárie, apelamos à Organização das Nações Unidas (ONU) e a todos os países democráticos e comprometidos com os direitos humanos para que se unam com urgência no esforço de cessar tais crimes de guerra. Que o governo de extrema-direita de Israel seja responsabilizado internacionalmente, e que o mundo se erga contra todas as formas de massacre, terrorismo e desumanização.

Reafirmamos, como herdeiros do legado de Allan

Kardec, a defesa da paz, do diálogo entre os povos, do fim imediato dos ataques e da entrada de ajuda humanitária em Gaza. Isso é caridade em sentido macrossocial.

Por uma Palestina livre onde todos possam viver com dignidade e justiça!

Publicado em 28 de julho de 2025

<https://www.instagram.com/reel/DMpxsuDCxOK/?igsh=NXRtMHJvZnduM2N1>



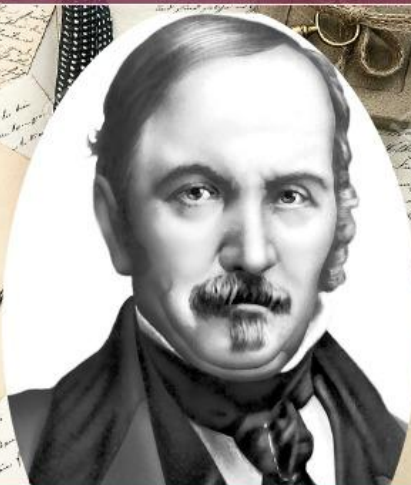
LANZAMIENTO

REVISTA ESPÍRITA 1861

Allan Kardec

REVISTA ESPÍRITA
PERIÓDICO DE ESTUDIOS
PSICOLÓGICOS

1861



Léala online:
www.ceanet.com.ar



CONFEDERACIÓN ESPIRITISTA ARGENTINA

🔔 YA DISPONIBLE! LANZAMIENTO DEL VOLUMEN 1861 DE LA REVISTA ESPÍRITA DE ALLAN KARDEC

La Confederación Espiritista Argentina presenta con orgullo la traducción completa al español del volumen de 1861 de la Revista Espírita, obra original de Allan Kardec. Este lanzamiento representa un paso más en la preservación y difusión del pensamiento espírita en su forma más fiel y rigurosa.

🔑 ¿Qué encontrarás en este volumen?

- Artículos doctrinales escritos por Kardec durante un año clave en la consolidación del Espiritismo
- Relatos de fenómenos mediúmnicos, reflexiones filosóficas y correspondencia con seguidores
- Una ventana directa al proceso de sistematización del pensamiento espírita en pleno siglo XIX

■ Acceso libre y gratuito

Gracias al esfuerzo editorial de la Confederación Espiritista Argentina, el volumen está disponible para consulta y descarga en formato PDF a través del siguiente enlace:

👉 https://www.ceanet.com.ar/doc/Allan_Kardec_Revista_Espirita_1861.pdf

☀ Ideal para estudiosos, divulgadores, y toda alma inquieta que busca comprender el Espiritismo desde su fuente original.